

A CAPELA DA GUARDA VELHA: LUGARES COLONIAIS E A PAISAGEM DE SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA DO SÉCULO XVIII

LA CAPILLA DE LA GUARDIA VIEJA: LUGARES COLONIALES Y EL PAISAJE DE SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA DEL SIGLO XVIII

Antonio Soares¹

RESUMO

Há um manifestado dissenso historiográfico acerca das localizações da capela original da Freguesia de Santo Antônio da Guarda Velha, da Guarda e do Registro de Viamão, instituições fundantes da povoação que deu origem à atual cidade de Santo Antônio da Patrulha. Este ensaio busca ler a paisagem a partir das fontes disponíveis – textos, mapas e cultura material – dos séculos XVIII e XIX em seus respectivos contextos, analisadas sob um estilo metodológico formado a partir de teorias resultantes dos impactos da Virada Linguística e da fenomenologia nas ciências sociais. Uma abordagem construída para esta finalidade, que conjuga leituras em Antropologia, Arqueologia, Filosofia, História e Geografia. Diante de uma evidente ausência de fontes documentais produzidas pelas instituições estudadas, a leitura da paisagem como artefato a partir de pressupostos multidisciplinares, se torna um recurso prospectivo que pode complementar as pesquisas pretéritas e nos revelar a história dos lugares coloniais originais de uma das mais antigas possessões portuguesas do atual Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Paisagem. História Colonial. Arqueologia. Fenomenologia. Caminho das Tropas.

RESUMEN

Existe un desacuerdo historiográfico manifiesto sobre la ubicación de la capilla original de la Parroquia de Santo Antônio da Guarda Velha, Guarda y el Registro de Viamão, instituciones fundadoras de la villa que dio origen a la actual ciudad de Santo Antônio da Patrulha. Este ensayo busca leer el paisaje a partir de las fuentes disponibles – textos, mapas y cultura material – de los siglos XVIII y XIX en sus respectivos contextos, analizados bajo un estilo metodológico formado a partir de teorías resultantes de los impactos del Giro Lingüístico y la fenomenología en la ciencias sociales. Un enfoque construido para este fin, que combina lecturas de Antropología, Arqueología, Filosofía, Historia y Geografía. Ante una ausencia evidente de fuentes documentales producidas por las instituciones estudiadas, la lectura del paisaje como un artefacto a partir de supuestos multidisciplinares, se convierte en un recur-

1 Historiador e arqueólogo, analista em assuntos culturais da Secretaria da Cultura do RS (Sedac), diretor do Museu Arqueológico do RS (Marsul), membro pesquisador do IHGRGS, sócio efetivo da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), mestre e doutorando em História pelo PPGH/PUCRS.

so prospectivo que puede complementar investigaciones pasadas y puede revelar la historia de los lugares coloniales originales de una de las ciudades portuguesas más antiguas del actual Rio Grande do Sul.

Palabras clave: Paisaje. Historia Colonial. Arqueología. Fenomenología. Camino de las Tropas.

INTRODUÇÃO

Quando eu pesquisava e acessava fontes do século XVIII, em 2019, deparei-me com o mapa manuscrito produzido em 1738 pelo jesuíta Diogo Soares (figura 1), onde são representadas a “Guarda” e algumas paragens do caminhos originais da colonização portuguesa nas paisagens denominadas como “Campos de Viamão”. O fato de outra paragem na margem sul do Rio dos Sinos, além da Guarda, ser representada em posição invertida da defendida pela historiografia conhecida, causou um estranhamento que instigou o início de uma pesquisa.

Conheci a história da “Guarda Velha” durante a graduação em História, ao participar de um curso de extensão em Arqueologia promovido pela FAPA, em 2007, ministrado por André Luiz Jacobus, com escavações em um sítio escola no centro histórico de Santo Antônio da Patrulha. Na oportunidade, guiados pelo professor, visitamos o sítio arqueológico denominado “RS-S-263: Guarda Velha 2” e outros da região, quando nos foram apresentados os resultados das suas pesquisas, parte da materialidade escavada no âmbito do projeto “Pasap”, e sua hipótese sobre a instalação e funcionamento do Registro de Viamão.

O Projeto de Pesquisas Arqueológicas de Santo Antônio da Patrulha (Pasap), foi um dos mais importantes projetos arqueológicos do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul)², entre 1995 e 2007. A partir das pesquisas arqueológicas realizadas pelo projeto é que Jacobus, seu coordenador, então diretor técnico do museu, elaborou sua dissertação de mestrado intitulada *Resgate arqueológico e histórico do Registro de Viamão (Guarda Velha, Santo Antônio da Patrulha – RS)* defendida em 1996.

No ano de 2020, diante de uma fotografia da Vila de Santo Antônio da Patrulha datada do final do século XIX, retratando a antiga “Rua Direita”, atual Avenida Borges de Medeiros, percebi uma vila que se conformou no entorno de um caminho (figura 2). Diante destes primeiros indícios, parti em busca de mais fontes e de bibliografia, quando percebi a exiguida-

2 O Museu Arqueológico do RS (Marsul) é uma instituição vinculada à Secretaria de Estado da Cultura do RS, sediada em Taquara/RS, criada em 1966 por Decreto Estadual para salvar os acervos resultantes das pesquisas de Eurico Theófilo Miller, e sua participação no Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (1965-1970).

de de documentos sobre o Registro de Viamão, uma ausência completa de documentos produzidos pela Guarda ou pelo Registro, e um dissenso na bibliografia sobre a localização dos primeiros lugares coloniais do município.

Busquei reunir um conjunto documental, referenciais teóricos e metodológicos para construir uma hipótese a partir indícios manifestados nas fontes e da leitura sobre a paisagem. A hipótese, que foi ficando mais evidente e sustentável, considera que o Caminho das Tropas, que ligava Colônia do Sacramento a Sorocaba, aberto e melhorado entre os séculos XVII e XVIII, passava pelo atual centro histórico de Santo Antônio da Patrulha. Por esta hipótese, a partir das atividades econômicas no entorno do Registro de Viamão e sob a proteção da Guarda, se formou o povoado que se tornaria “Villa da Patrulha” e, posteriormente, a atual cidade. A capela original, sobre a qual trataremos neste texto, que a narrativa historiográfica consolidada pressupõe ter dado origem à vila, foi transferida das terras do sesmeiro Inácio José de Mendonça para o “povoado da Guarda” décadas depois da sua inauguração, como buscaremos demonstrar a partir dos indícios nas fontes, da bibliografia que dispomos e do método formado diante das leituras teóricas.

Ultimamente venho discutindo sobre a percepção da paisagem, suas teorias e aplicações nas ciências sociais, sobretudo na História e Arqueologia (SOARES, 2020, 2022). Este artigo é uma (con)sequência desses esforços, das leituras sobre o assunto, do contato com as fontes e, obviamente, da revisão de conhecimentos previamente produzidos. É uma construção possível, que se formou ao longo da minha vivência acadêmica e percepção profissional. A teoria interdisciplinar expressa neste ensaio, de maneira reduzida, nos dá uma ideia de como pretendemos ler as fontes e contextualizar suas representações em seus respectivos tempos e espaços, sobretudo no século XVIII. Período em que a paisagem foi percebida e representada de maneira distinta da forma como atualmente percebemos e representamos. A começar pelo sistema de medidas subjetivo que se baseava no corpo humano para representar as distâncias e volumes³. As noções de proximidades também eram distintas das atuais, como demonstraremos.

Para além da evidente importância para a história colonial do Rio Grande do Sul, ao tratar de seus primeiros lugares coloniais nos “Campos de Viamão”, este ensaio, que aborda uma parte de uma pesquisa em an-

3 Polegadas, palmos, braças, pés, etc., são formas de medir os espaços tendo o corpo humano como referência. A légua terrestre portuguesa era a unidade de medida mais frequente para as distâncias entre os locais, caminhos e grandes propriedades no século XVIII, ficando a braça como unidade mais comum para medir propriedades rurais menores e o palmo como unidade de medição das propriedades urbanas (GIL, 2009, p. 116).

damento, pode contribuir para a compreensão dos processos de construção historiográfica. Ao fazer releituras sobre as fontes e acessar arquivos a partir do nosso contexto, dispondo de atuais técnicas e meios, podemos complementar os resultados das pesquisas pretéritas, criticar o trabalho dos nossos antecessores e contribuir para a construção do conhecimento científico.

1. Contexto e paisagem

Na História enquanto disciplina, os discursos e conceitos passaram a ser objetos de análise sincrônicas e diacrônicas a partir da segunda metade do século XX, muito mais em decorrência da Virada Linguística que, a grosso modo, textualizou os objetos de estudos de várias disciplinas. Movimento no qual se inscreve a subdisciplina denominada História intelectual, tendo Domenick LaCapra (1998) como um dos seus representantes. LaCapra afirma que o historiador reconstrói a realidade, ou contexto, a partir de “restos textualizados do passado”. O autor ainda aborda um problema nas análises históricas do seu tempo, o qual denomina como “paradigma documentário”. Forma pela qual os textos são lidos pelas suas dimensões fáticas ou literais, puramente formalista, ignorando os aspectos contextuais (LACAPRA, 1998).

Na Arqueologia, nesta perspectiva, a cultura material pode ser lida como texto e como signo passa ser entendida como agente ativo na ordenação da vida social, não tendo significados inerentes. Os significados são construídos em seus contextos (LIMA, 2011, p. 19; SOUSA, 2005, p. 293). Desde o final do século XX muitos estudos vêm sendo incorporados à *episteme* da disciplina, consolidando a Arqueologia da paisagem, oriunda da Arqueologia contextual, e seu potencial interpretativo em trabalhos acadêmicos e profissionais. Para alguns representantes do pós-processualismo, como Christopher Tilley e Ian Hodder, que produziram estudos seminais sobre a paisagem e espacialidade, a cultura material pode ser lida de maneiras diferentes, estando essa leitura implicitamente aberta para múltiplas interpretações (LIMA, 2011).

Contextualizar é, em última instância, localizar no tempo e no espaço. Os lugares são entendidos por Tilley (2014) como constructos sociais materializados, como “fatos existenciais elementares”, como “um meio universal da experiência” numa perspectiva fenomenológica. São cenários associados às identidades sociais e compõem a noção de pertencimento. Os lugares são constituídos por corpos humanos e não humanos, e o corpo é o meio pelo qual nós humanos sentimos o lugar e a paisagem (TILLEY, 2014).

E o que é paisagem como abordamos aqui? Enquanto categoria analisável na geografia, também com influência da fenomenologia, Milton Santos (2014) a define como materialidade formada por objetos materiais e não materiais, algo diferente do espaço cartesiano, pois é tudo aquilo que está ao alcance dos sentidos. A paisagem é tudo o que vemos e que não é formada apenas por volumes, mas por cores, movimentos, odores, sons, etc. “A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos” (SANTOS, 2014, p. 68).

Os sentidos também foram abordados pelas ciências sociais no mesmo contexto. Segundo Pellini (2011, p. 9), nos anos 1990 a historiadora Constance Classen e o antropólogo David Howes defendiam que os significados atribuídos aos sentidos são baseados em modelos socialmente aceitos. Portanto, a percepção seria uma construção social, o entendimento que temos do mundo a partir dos sentidos não seria fisiologicamente estabelecido, mas culturalmente determinado. “Grupos humanos reconhecem seu aparato sensorial de acordo com o contexto cultural no qual estão inseridos, criando e mudando sentidos, criando e alterando hierarquias sensoriais” (HOWES, 2006 apud PELLINI, 2011, p. 9).

E é em movimento que o ser humano percebe e dá sentido à paisagem (PELLINI, 2011; SANTOS, 2014; TILLEY, 2014) e, segundo Tim Ingold (2015, p. 38), caminhando “é o modo fundamental como os seres humanos habitam a Terra”. Os lugares, na perspectiva de Ingold (2015) são como pontos nodais formados pelo entrelaçamento das linhas vitais das pessoas em caminhada. Uma cidade ou paragem num caminho, exemplo adotado para o nosso caso, são pontos onde as linhas vitais de seus caminhantes estão fortemente atadas. Mas estas linhas não estão contidas totalmente dentro da cidade, tanto quanto os fios não estão contidos integralmente no nó (INGOLD, 2015, p. 220).

Partindo destes pressupostos teóricos, aqui expostos rapidamente, das análises sobre as fontes e sobre a paisagem, a partir dos recursos tecnológicos atualmente utilizados em pesquisas históricas e arqueológicas, percebemos que a narrativa historiográfica sobre os lugares coloniais originais de Santo Antônio da Patrulha pode não corresponder aos reais lugares históricos. Há manifestado dissenso historiográfico acerca das localizações geográficas destes lugares coloniais portugueses nas planícies do atual território do Rio Grande do Sul no século XVIII. Dissenso que decorre de interpretações descontextualizadas sobre as fontes históricas, da leitura equivocada sobre a paisagem e de um evidente esquecimento possivelmente provocado pela exiguidade de fontes. Desta forma, tentaremos desvendar estes fatos históricos que se inscrevem no contexto de expansão

dos domínios portugueses ao sul do continente e de formação das fronteiras do Rio Grande do Sul tal como as conhecemos.

2. A Guarda e a Capela: lugares coloniais originais

Começaremos com o que nos diz a historiografia e os trabalhos científicos sobre nosso tema. A fundação de Colônia do Sacramento pelos portugueses, em 1680, nas margens do Rio da Prata, marcou o acirramento das disputas territoriais entre os súditos das coroas ibéricas nas paisagens sulinas da América.

O caminho de aproximadamente dois mil quilômetros entre Colônia do Sacramento e Sorocaba, ficou conhecido como Caminho das Tropas ou Caminho de Viamão, e foi uma importante rota de transporte de tropas de gado muar, vacum e cavalari, e de compartilhamento de “hábitos, dialetos, costumes e atividades econômicas que subvertiam as fronteiras políticas que lhes foram impostas” (BUENO *et. all*, 2021, p. 9).

Nas primeiras décadas do século XVIII, colonos luso-brasileiros abriram melhores caminhos para se comunicar e escoar recursos das novas possessões ao sul da América com os centros econômicos no sudeste brasileiro, desviando o antigo “caminho da praia” pelos “Campos de Viamão”, onde foi instalada uma Guarda e um Registro na década de 1730. O Registro e a Guarda de Viamão foram, respectivamente, um entreposto fiscal e uma guarnição militar a serviço da Coroa Portuguesa. O primeiro com o objetivo de tributar o gado⁴ tropeado da região do rio da Prata e da Vacaria do Mar, o que se constituía na principal atividade econômica naquele século para a região. O segundo tinha o objetivo de manter a ordem pública e guarnecer as fronteiras no contexto das disputas territoriais entre Portugal e Espanha (NEIS, 1975; BARROSO, 1979; JACOBUS, 1997).

A obra historiográfica sobre as origens de Santo Antônio da Patrulha de maior repercussão entre os pesquisadores, e que é amplamente referenciada pelas instituições oficiais, é *Guarda Velha de Viamão: no Rio Grande miscigenado nasce Santo Antônio da Patrulha*, de 1975, do historiador membro do Instituto Histórico e Geográfico do RS, monsenhor Ruben Neis. Uma obra de grande esforço de pesquisa, muito documentada e de grande relevância histórica para o Município. Como indica o próprio autor na introdução, uma pesquisa decorrente de uma solicitação oficial do então prefeito de Santo Antônio da Patrulha ao Cardeal Dom Vicente Scherer, em 1968, “para descobrir os inícios do povoamento daquele município e a data exata

4 Gado vacum, cavalari e muar. Este último o de maior valor pois, diante de sua força e resistência, serviria para transporte nas Minas Gerais.

da fundação da primeira Capela de Santo Antônio” (NEIS, 1975, p. 15). Esta obra, podemos dizer, configura a narrativa historiográfica oficializada⁵ sobre a fundação do Município.

O autor nos traz uma importante pesquisa sobre fontes eclesiásticas acerca da “Capella de Santo Antônio da Guarda Velha”, capela curada em 1760, e elevada a sede da Freguesia de Santo Antônio da Guarda Velha em 1763, construída pelo sesmeiro Inácio José de Mendonça em suas terras. Sustenta o autor, a partir de interpretações sobre suas fontes, diante da parca bibliografia então existente sobre o tema e de relatos de informantes não nomeados, que a localização da primeira Capela de Santo Antônio da Patrulha teria dado origem ao centro histórico, e que a capela seria situada ao centro da avenida principal, no atual bairro Cidade Alta. Portanto, segundo o autor, influenciando outros autores, incluindo Barroso (1979) e Jacobus (1997), o Registro e a Guarda de Viamão se localizariam às margens do rio dos Sinos, no local do sítio arqueológico RS-S-263: Guarda Velha 2, registrado e pesquisado por Eurico Miller em 1965 no âmbito do Pronapa⁶, e por André Jacobus em 1995, pelo Pasap.

Neis (1975) conclui que as estruturas da Coroa portuguesa estariam instaladas literalmente nas margens do rio baseado em informações de moradores e na expressão “pegado ao rio do Sino”, escrita num roteiro realizado em 1745⁷. Desconsiderando que a forma como os agentes do século XVIII percebiam e descreviam a paisagem se difere da forma como a percebemos e descrevemos atualmente. E que para reconstruir a realidade do passado, a partir dos seus “restos textualizados”, deve se ler os textos em seu contexto.

O modelo sensorial vigente concebe o termo “pegado ao rio do Sino” como tendo o rio ao alcance dos sentidos. Mas os agentes, que descreviam e percebiam a paisagem em movimento, escreveram “pegado” num roteiro de uma viagem que duraria um ano. Em suas primeiras palavras, o mesmo documento nos dá poucas descrições sobre o terreno da Guarda.

5 Pelo fato dos órgãos oficiais do Município de Santo Antônio da Patrulha e pesquisadores reproduzirem a narrativa historiográfica em questão.

6 O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, Pronapa, funcionou entre os anos 1965 e 1970, coordenado pelo casal estadunidense Betty Meggers e Clifford Evans, vinculados ao Smithsonian Institution, de Washington, nos EUA. O programa tinha o objetivo de mapear e datar a presença pré-colonial no Brasil, desde a chegada até o contato europeu no século XVI. (DIAS, 1995).

7 *Roteiro que se fez do Caminho do Sertão, que se principia na Patrulha a onde se acha o Curral da Contagem, pegado ao Rio do Sino, para entrar a subir a Serra e seguir para Curitiba e São Paulo, ano de 1745.* Documento salvaguardado na Biblioteca Municipal de São Paulo Mário de Andrade.

28 [fevereiro] Primeiro dia de viagem; contada a tropa seguimos o caminho pela borda do Rio do Sino até o passo, que dista uma légua; tudo pantano e taquaral. (BARROSO, 1995, p. 40).

A distância de uma légua portuguesa convertida para o sistema métrico daria aproximadamente seis quilômetros, o que localizaria a Guarda não nas margens do rio, mas exatamente sobre o atual centro histórico da cidade.

Pesquisadores reconhecem a atribuição de vários nomes ao lugar que aparecem nas fontes: “Registro de Viamão”, “Registro da Serra”, “Guarda Velha”, “Curral da Contagem”, “Guarda de Viamão”, “Patrulha”, atribuindo-os a uma estrutura que gerou, com a sua instalação, o atual Município de Santo Antônio da Patrulha, e que seria fiscalizador das tropas, principal atividade econômica daquele século, naquelas paisagens. (NEIS, 1975; BARROSO, 1979; JACOBUS, 1997; KUHN, 2006).

Véra Lúcia Maciel Barroso (1979), em sua dissertação de mestrado intitulada *Santo Antônio da Patrulha: vínculo, expansão, isolamento (1803-1889)*, trata sobre o tema no capítulo 4, intitulado “De Guarda à Villa”. Todo o seu texto nesse capítulo aponta para o fato de que o surgimento do povoamento que se consubstanciou na Vila, se deve à instalação da Guarda e do Registro, apesar de corroborar a afirmação de Neis (1975) sobre o sítio de funcionamento da Guarda e do Registro, a cinco quilômetros da atual sede.

Não são poucos os estudiosos do assunto que referem a importância assumida pelos Campos de Viamão, com a instalação de um registro nas suas imediações, que veio constituir a célula-mater da futura vila de Santo Antônio da Patrulha.

[...]

Dado o movimento deste caminho [das tropas], houve a necessidade de estabelecimento de uma guarda no ponto de interseção com a estrada de Laguna, que deu origem à povoação da *Guarda* [...]. (BARROSO, 1979, p. 60, 63 [grifo no original]).

Uma representação feita pelo padre jesuíta a serviço da Coroa portuguesa, Diogo Soares S.J., no contexto da colonização, uma carta topográfica manuscrita datada de 1738 (figura 1), época da criação da Guarda, pode nos demonstrar como os agentes históricos percebiam a paisagem. Marcamos onde aparece textualmente o termo “Guarda” sobre uma das paragens do caminho apontando uma posição geográfica.

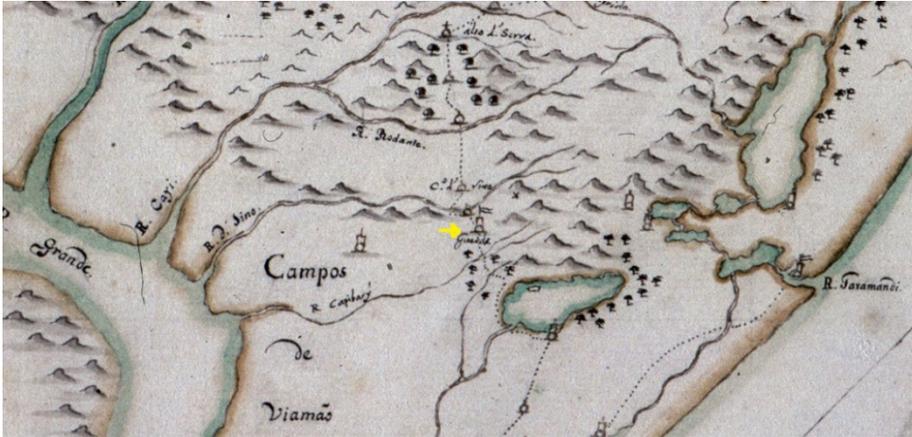


Figura 1: SOARES, Diogo. A villa da Laguna e barra do Taramandi: na costa do Brasil e America Portuguesa. 1738. Lisboa, AHU (Coleção Cartográfica e Iconográfica Manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino). Disponível em: <http://acervo.redememoria.bn.br/> (adaptado).

Este mapa representa a guarda não tão nas margens do rio dos Sinos, além de representar outra paragem do caminho entre a guarda e o rio. A partir desse mapa é que surgiram os primeiros questionamentos acerca das contradições contidas na narrativa historiográfica oficializada se comparadas com as fontes. Partimos, então, em busca de outras fontes para formar nossa hipótese.

Ao buscar na memória de Santo Antônio da Patrulha, encontramos uma fotografia da vila com datação atribuída ao final do século XIX (figura 2). Nesta imagem, antes de tudo, se observa uma vila que se formou entorno de um caminho. Além de perceber um caminho que se alarga na esquina onde há um prédio de características de prédio público, percebemos que a orientação do arruamento original condiz com a orientação leste-oeste do caminho que liga Viamão à Guarda de Tramandaí, caminho que deu origem a atual rodovia RSO30.



Figura 2: Avenida principal de Santo Antônio da Patrulha no final do século XIX ou início do século XX – Cópia do Acervo do Museu Caldas Junior.

As pesquisas recentes sobre o tropeirismo dos séculos XVIII e XIX apontam para a economia movimentada junto ao caminho das tropas. Nos sítios e fazendas lindeiras com o oferecimento de pouso, abastecimento com gêneros alimentícios e reparos se formam centros de comércio. Nas vilas, onde sempre havia uma “rua das tropas”, que abrigavam as lojas de fazenda, com uma série de ofícios artesanais como fazedores de itens de montaria e cargas, trajas, ferreiros, comerciantes de secos e molhados e utensílios (BUENO *et. all.* 2021, p. 54).

Ao observar a figura 2, pela nossa hipótese, estamos observando a antiga “Rua das Tropas”, onde ficava a Guarda e o Registro, onde havia “lojas de fazendas” e que se conformou na vila de Santo Antônio ao longo dos séculos XVIII e XIX. Até este momento da pesquisa, verificamos uma total ausência de fontes documentais produzidas pelas instituições em questão, a Guarda e o Registro, o que pode ter produzido um apagamento na memória social sobre suas localizações, afetando a construção historiográfica, como veremos adiante. Contudo, como se encaixaria a história da capela na nossa hipótese?

Neis (1975) em sua pesquisa levanta muitas fontes eclesiásticas, ordens episcopais, registros batismais, casamentos e de óbitos, majoritariamente salvaguardas no Arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre, referentes à Capela. Julgamos que os dois principais documentos le-

vantados e transcritos pelo autor são a Portaria Episcopal de 31 de agosto de 1760, que reconhece a capela construída por Inácio José de Mendonça em suas terras como Capela Curada de Santo Antônio da Guarda Velha e o Edital de 8 de outubro de 1763 que elevou à Freguesia de Santo Antônio da Guarda Velha a Capela Curada na sesmaria de Inácio (NEIS, 1975, p. 153-161). Ambos documentos referenciam a proximidade da Capela com o “Registro da Serra”.

Destaca o autor não encontrar o Livro do Tombo da paróquia de Santo Antônio, onde haveria o registro do Termo de Inauguração, relata também não ter encontrado o primeiro livro de registro de batismos, sendo que o mais antigo se inicia em 1773. Mas o primeiro livro de óbitos inicia em 1760, com o primeiro sepultamento em dezembro (NEIS, 1975, p. 130). Ao mencionar os dissensos sobre a localização da primeira capela e do Registro, o autor diz:

Julgam alguns que ela [a capela] tenha estado a 6 km de distância da sede atual, no lugar ainda hoje denominado Guarda Velha. Até houve comentários da existência de restos das paredes da igreja. Em uma visita que fizemos ao referido lugar em companhia de diversas pessoas da sede e de um morador da própria localidade da Guarda Velha, conhecido como entendedor do assunto, pudemos verificar a esplêndida localização para sede da patrulha. Tivemos informações de que já foram encontradas lá umas pedras que pareciam restos de construção, de época ignorada, e que poderiam ter sido de alguma casa de moradia, das quais não se encontra mais nenhum sinal. (NEIS, 1975, p. 131).

Esta passagem nos demonstra que o lugar de funcionamento da patrulha foi atribuído a partir da indicação de um morador local, “entendedor do assunto”. Percebemos que há uma conexão com as pesquisas arqueológicas de Eurico Th. Miller, realizadas pelo Marsul em 1965, no âmbito do Pronapa. A solicitação do prefeito em 1968, e a pesquisa de Ruben Neis ocorrem poucos anos após a passagem de Miller pelo município. Há menções indiretas ao material arqueológico encontrado e às conclusões feitas pelo arqueólogo. Em seu diário de escavação do sítio registrado como RS-S-263: Guarda Velha 2, o arqueólogo registrou em 1965: “Dizem que no mesmo local houve um posto de alfândega do Império português. Alguns restos anunciam realmente uma antiga moradia de brancos”⁸. Neis (1975) parece receber a mesma informação do morador local, apesar de “alguns” julga-

8 Diário de campo do catálogo n° 390, documentação anexa do sítio RS-S-263: Guarda Velha 2 do Acervo Documental dos Sítios Arqueológicos do Marsul.

rem ser aquele sítio o local de instalação da primeira Capela.

Acessando os textos de José Maciel Junior, em *Reminiscências da minha terra: Santo Antônio da Patrulha*, de 1987, uma coletânea de crônicas escritas originalmente para jornais locais e regionais, em diferentes momentos, que nos apontam a existência de fontes que poderemos acessar e de eventos que podemos investigar, também nos fornece importantes memórias. O “seu Juca”, como foi conhecido, um pesquisador local, genealogista, publica em 1973, no jornal O Comercial, um texto/crônica sobre as origens de Santo Antônio da Patrulha, dizendo:

[...] Será nessa década de 1730 criado um Registro no local hoje denominado Guarda Velha, situado aproximadamente cinco quilômetros da atual sede de Santo Antônio.

Ali os tropeiros tinham que pagar as taxas previstas, e ainda submeter-se à verificação aduaneira. É possível que ali se tivesse erguido uma capela como reza a tradição. Daí o ser conhecido local com o nome de Santo Antônio da Guarda Velha. (MACIEL JÚNIOR, 1987, p. 10, grifo nosso).

Nas fontes de Neis (1975) há a menção de sepultamentos que ocorreram dentro e nos arredores das capelas, que evidenciam uma igreja nova sendo construída ao lado da “capelinha” antiga:

A partir de janeiro de 1773, no livro de registro dos óbitos comecem referências à construção de uma nova igreja matriz. Em que lugar? Junto à antiga. Em diversos termos se percebe isso. Assim, em 31 de janeiro de 1773 faleceu “Domingas Ribeira, mulher que foi de Manuel Correa da Fonseca (...) e está enterrada nesta igreja paroquial de Santo Antônio da Guarda Velha de Viamão, junto ao lugar onde há de ser o altar lateral da igreja nova da porta direita”. Em 11 de março do mesmo ano faleceu Felix Machado, e foi “enterrado nesta Igreja paroquial dentro do corpo da obra nova da igreja”. (NEIS, 1975, p.131 – 132).

As referências à construção de uma igreja nova continuam até 1779 quando aparecem indicações nas fontes de sua conclusão, concluindo o autor que uma “capelinha velha” foi substituída por uma nova, momento em que o autor aponta textualmente para as pesquisas de José Maciel Junior (1987) sobre a segunda capela ter sido localizada no centro da Avenida Borges de Medeiros, antiga Rua Direita.

A primeira capela e igreja de Santo Antônio da Guarda Velha de Viamão estava localizada na antiga rua Direita, hoje denominada Borges de Medeiros, no local fronteiro à atual Prefeitura Municipal, onde se encontra a pira da Pátria. Lá foram encontrados muitos ossos humanos, sinal da localização de antigo cemitério.

[...]

Que mais queremos? São tudo indicações de que a segunda igreja matriz de Santo Antônio da Patrulha estava situada ao lado da primeira. Conforme estudos feitos pelo sr. José Maciel Júnior, historiador de Santo Antônio da Patrulha, a segunda igreja se encontrava no local em que atualmente se encontra a pira da pátria. Portanto a primeira, construída na fazenda de Inácio José de Mendonça, se encontra no mesmo lugar. O que é uma comprovação de que a fazenda de Mendonça abrangia realmente a sede da atual cidade de Santo Antônio da Patrulha.

E por fim um lembrete aos que se interessam pelo assunto: quando tiverem oportunidade, observem o lugar em que se encontrava a igreja. Que belo panorama, que paisagens se descortinavam dali! E como a igreja podia ser vista de longe! (NEIS, 1975, p. 131-132).

Encontramos um texto de Maciel Júnior (1987) publicado originalmente em 1974, dizendo:

Reza a tradição que a primeira capela foi construída no antigo sítio na margem esquerda do rio dos Sinos, por onde passava a estrada da Serra Velha, em cuja extremidade se acantonara o Registro, a repartição fiscal arrecadadora dos “Dízimos reais”.

Arruinara-se porém, a capela e seus moradores trataram de substituí-la por uma Igreja que lhes valeu foros de Paróquia por decisão régia de 20 de outubro de 1795 [...]

A nova Igreja construída de pedra e cal, coberta de telhas com cinco altares, ficava situada na rua Direita (atual Borges de Medeiros) no local fronteiro a atual Prefeitura Municipal, onde se assenta a Pira da Pátria. Atraz da Igreja foi construído o Cemitério. (MACIEL JÚNIOR, 1987, p.141).

O texto de seu Juca nos dá um indício que a primeira capela se localizava fora da Vila, atual centro histórico e que foi transferida para o centro da Rua Direita, atual Avenida Borges de Medeiros. Em outra passagem, falando sobre a “demolição da primeira igreja Matriz”, o pesquisador trans-

creve um ofício da Câmara Municipal do século XIX, sem citar exatamente qual, onde diz que providências foram solicitadas pelo Bispo da Diocese. Talvez este texto também tenha sido acessado por Neis (1975) para formular sua hipótese.

[...] escavações no alicerces da antiga Igreja Matriz desta Villa [...] no centro da rua Direita desta Villa, sendo demolida [...] e tendo por diversas vezes esta Câmara mandado escava não só o lugar da Igreja como no cemitério contíguo ao mesmo afim de juntar os ossos de nossos antepassados ali sepultados que pela escavação das aguas ficarão descobertos, expostos e pizados a pés de toda a espécie (MACIEL JÚNIOR, 1987, p. 146 -147).

Como vimos, segundo a narrativa historiográfica construída pelos pesquisadores, o templo católico, sede da Freguesia de Santo Antônio da Patrulha, originalmente “da Guarda Velha”, teria passado por vários sítios. O primeiro seria a construção na sesmaria de Inácio José de Mendonça. Embora Maciel Júnior (1987) diga ser junto ao Registro às margens do Rio dos Sinos em seu texto, parece acatar a hipótese de Neis (1975) quando publicada. A segunda teria sido construída ao lado da primeira, segundo Neis (1975), ou transferida para a Vila, na Rua Direita, segundo Maciel Jr. (1987), a terceira num imóvel particular na então Rua Direita e a quarta Igreja, a atual, construída durante os séculos XIX e XX (NEIS, 1975, p. 145-147), num lugar mais próximo ao topo da colina onde se localiza o centro histórico. Ao que parece, o cemitério acompanhou as igrejas, como era feito até meados do século XIX no Brasil em decorrência da cultura dos colonizadores.

Philippe Ariès (2012) demonstra que desde a Idade Média até o século XVIII, na Europa, houve o costume de sepultamentos próximos aos mártires e pessoas santas entre os cristãos, no interior e no entorno dos templos católicos. A Igreja era compreendida pela nave central, o campanário e o cemitério (ARIÈS, 2012, p. 42). As práticas de sepultamentos católicos foram trazidas pelos colonizadores e adotadas por quase toda a sociedade até a metade do século XIX, quando ainda davam um significado sacral para as rezas dentro das igrejas tendo os mortos sob seus pés, sentindo seus odores, expressando a sacralidade da fé (RODRIGUES, 1997, p. 21). Apenas em meados do século XIX foi que os cemitérios extramuros passaram a ser construídos em decorrência das preocupações higienistas em função da epidemia de febre amarela (LIMA, 1994; RODRIGUES, 1997; MEIRELLES, 2010). A primeira capela teria recebido o sepultamento de pessoas, inclusive de seus fundadores na década de 1760 e por toda a segunda metade do século XVIII segundo suas fontes eclesiásticas (NEIS, 1975, p. 133-134).

Pela hipótese apresentada neste ensaio, a atual Avenida Borges de Medeiros seria a “Rua das Tropas”, com trânsito de tropeiros e viajantes no século XVIII, sendo no ponto mais alto da colina do centro histórico, o espaço da Guarda e Registro, lugar citado nos textos de Maciel Junior (1987, p. 113) como “lomba da bandeira” avistado e de onde é possível avistar toda a “entrada e saída dos Campos de Viamão”. Acreditamos que a capela instalada no centro da Rua Direita seria a segunda ou terceira, em madeira, estrutura que não suportou muito mais que algumas décadas, precisando ser transferida. Acreditamos que esta capela no centro da Rua Direita, que é tratada como primeira na narrativa historiográfica de Neis (1975), foi construída para transferir a sede paróquia para o povoado da Guarda, que se formara em decorrência das atividades das instituições da Coroa portuguesa. Se a primeira Capela Curada de Santo Antônio da Guarda Velha foi instalada em outro lugar, onde seria seu sítio? Estamos diante de uma capela, cujo sítio original foi esquecido. Estamos diante de uma capela perdida!

Recorremos às fontes que dispomos para formar nossa hipótese pela análise da paisagem representada no século XVIII. Trazemos, inicialmente, uma representação cartográfica produzida por José Custódio de Sá e Faria, engenheiro militar, em 1763 (figura 3). Neste mapa está representado o lugar da “Capella” a sudeste do “Registo”. Importante salientar que em 1763 a capela erigida pelo sesmeiro Inácio José de Mendonça e sua esposa Margarida, já estava edificada e seria a única na região (NEIS, 1975). Portanto, julgamos que a “Capella” representada pelo autor se refira à mesma estrutura. Vale ressaltar que de acordo com a escala deste mapa, a distância do Registro para o Rio dos Sinos é de uma légua, corroborando o Roteiro de 1745. Importante dado trazido pela representação é que o traçado do caminho não passa pela Capella, indicativo consoante à narrativa historiográfica, por estar situada em terras de um sesmeiro.

cio da medição a partir do “corgo”¹⁰ da “Guarda velha”, na posição noroeste, indicando que suas terras ficaria a sudeste do Registro de Viamão, tal como aparece nos mapas de Sá e Faria e de Cordova. A ausência das confrontações se explica pelo fato de ser uma sesmaria no “matto”, no lado sudeste da Guarda, entre as cabeceiras do rio Gravatahy e a paragem “Pulpito”, lugar que corresponde a posição da “Capella” e da “Freguezia” nos mapas.

Há dois fatores recorrentes de equívoco na interpretação da carta de sesmaria, um texto de 1755, no que tange a localização das terras de Inácio que podemos explicar a partir de duas partes: 1) “cabeceiras do Rio Gravatahy”, pode gerar confusão se for buscado as indicações em cartas topográficas atuais, ou em cartas topográficas do século XX. O rio Gravataí é atualmente representado com suas nascentes no Banhado do Chicolomã, mais a oeste das representações do século XVIII. 2) “princiando-se a ditto medição do sobre ditto corgo da Guarda velha pelo Rumo do Noroeste para aparte do Rio do Sino”. Esta frase, se lida como se o redator estivesse situado na Guarda, dá a entender que está indicando a sesmaria situada entre a Guarda e o rio dos Sinos. É um equívoco recorrente. As cartas de sesmarias foram redigidas tendo a própria sesmaria como ponto de referência. Considerando que o redator está se referenciando a partir da sesmaria, entendemos que é a Guarda que fica a noroeste das terras de Inácio José de Mendonça, corroborando os mapas de 1763 e 1780 apresentados.

Um mapa, que é uma representação da paisagem, retrata também um momento. Ao apresentar mapas em tempos distintos é possível perceber o movimento humano em um determinado “espaço habitado”. É esta a nossa intenção ao demonstrar as próximas duas representações cartográficas do século XIX. A partir destas representações, somadas as representações do século XVIII, perceberemos a “escrita” humana na paisagem resultante dos entrelaçamentos das linhas vitais, usando a expressão de Ingold (2015). Representações onde já não aparece mais a “Capella” ou a “Freguezia” separada da “Guarda” ou da “Patrulha”.

Salvaguardado na Biblioteca Nacional, a *Carta corographica do Império do Brazil*, de 1846, produzida por Conrado Jacob de Niemeyer, nos demonstra “S. Ant.º. da Patrulha” na intersecção dos caminhos como apontados pela bibliografia e nos mapas como lugar da Guarda e Registro. Como é uma representação de todo o Brasil, prejudicou um pouco a nitidez da digitalização ao fazer o recorte. Mas podemos perceber que a distância da Vila para o rio dos Sinos é praticamente a mesma representada pelos mapas do século XVIII.

10 Uma variação da palavra córrego segundo o Dicionário Histórico de Português Brasileiro, DHPB da Unesp.



Figura 5: NIEMEYER, Conrado Jacob de. *Carta corographica do Império do Brazil*. Rio de Janeiro, RJ: Heaton & Rensburg, 1846. Salvaguardado na Biblioteca Nacional. (recortado e adaptado).

A *Carta topographica e administrativa da provincia de São Pedro do Sul*, de Visconde J. de Villiers de L'Île-Adam (figura 6), feita em 1847, representa a Patrulha no mesmo lugar onde os mapas do século XVIII representava a Guarda e o Registro. Pela escala apresentada pelo autor, a distância da “Villa da Patrulha” até o rio dos Sinos também é de aproximadamente uma légua. Interessante observar que neste mapa há uma povoação a leste, entre a Patrulha e a “Freguesia da Serra”, atual cidade de Osório, representado sobre a borda da Lagoa dos Barros. Por uma distorção de representação, este caminho é o mesmo representado a sudeste da cidade de Santo Antônio da Patrulha nos mapas do XVIII a sudeste da Guarda e dos atuais. Esta povoação representada pode indicar a sede original da Freguesia, nas terras de Inácio José de Mendonça, que se representava já sem capela.



Figura 6: VILLIERS DE L'ILE-ADAM, J. de. Carta topographica e administrativa da provincia de São Pedro do Sul: Rio de Janeiro, RJ: Firmin Didot Frères, 1847. 1 mapa, col. Salvaguardado na Biblioteca Nacional. (recortado e adaptado)

Em suas legendas, este mapa (figura 6) traz o quantitativo de vilas, freguesias e capelas da Província do Rio Grande de São Pedro, quais freguesias são dentro das vilas, quais são fora delas, quais e quantas freguesias a cidade de Porto Alegre tinha naquele contexto. Diz textualmente que, naquela data, a Freguesia de Santo Antônio ficava dentro da “Villa da Patrulha”.

Analisando o conjunto de mapas trazidos aqui, dois do século XVIII que retratam a Capella original, primeira sede da Freguesia de Santo Antônio da Guarda Velha, e a Patrulha ou Guarda em sítios distintos, com os dois mapas do século XIX, percebemos que há um movimento da Freguesia para dentro da Vila em algum momento entre 1780 e 1846. Movimento que é referenciado nos textos de Maciel Junior (1987, p. 141) como acontecido em 1795.

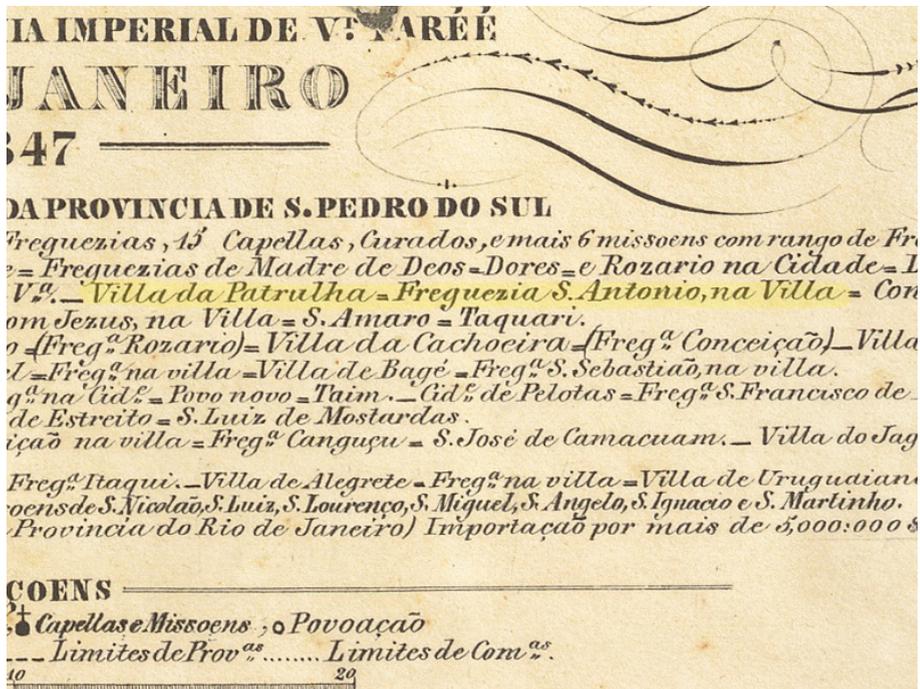


Figura 7: VILLIERS DE L'ILE-ADAM, J. de. Carta topographica e administrativa da provincia de São Pedro do Sul: Rio de Janeiro, RJ: Firmin Didot Frères, 1847. 1 mapa, col. Salva-guardado na Biblioteca Nacional. (recortado e adaptado).

Tanto o mapas do século XVIII quanto a carta de sesmaria de 1755 nos dizem que as terras do sesmeiro Inácio estavam a sudeste da Guarda. Ao concluirmos que o Registro e a Guarda deram origem à vila, percebemos que precisamos localizar o sítio da primeira capela que ficaria a sudeste do atual centro histórico. Considerando a distância entre o “Registro” e margem do rio dos Sinos como uma légua portuguesa, considerando que no mapa de Sá e Faria (1763) a distância é semelhante entre a Guarda e a Capela, traçamos uma linha à sudeste de cerca de seis quilômetros a partir do centro histórico, encontramos um dos maiores e mais antigos cemitérios do município, no topo de uma colina, nas imediações da localidade denominada Portão I. Um cemitério, neste caso, é um forte indício material, pois uma vez sendo um espaço de sepultamento, como foi o lugar da capela original, dificilmente deixaria de sê-lo.

A toponímia nos aponta outro indício interessante. Da localidade de Portão I (portão primeiro) seguindo a atual rodovia RS-030, que teria sido um antigo caminho tropeiro, (ligando a Guarda e o Registro ao Caminho da Praia e a Guarda de Tramandaí), de três a quatro quilômetros para

leste, em direção à borda da Lagoa dos Barros, aproximadamente meia légua portuguesa como diz na carta de sesmaria, está a localidade de Portão II (portão segundo como denominam os moradores). Dois “portões” que podem indicar os limites de uma propriedade atravessada pela estrada, nos indicando a possível localização da sesmaria de Inácio José de Mendonça conforme a representação (figura 8).



Figura 8: Representação da localização da Capela original de Santo Antônio da Patrulha e sesmaria de Inácio José de Mendonça, segundo a hipótese da pesquisa.

A partir da comparação entre a nossa representação da localização do Registro de Viamão e a primeira Capela (figura 8), com o Mapa de José Custódio de Sá e Faria de 1763, (figura 3), podemos perceber que o caminho que passa pelo “Registro” corresponde à atual estrada que liga a Sede de Santo Antônio da Patrulha a Capivari, a Passinhos e a Viamão passando pelo antiga localidade de Lombas, também referenciada nas fontes.

A sesmaria de meia légua em quadra de Inácio pode ter tido de entre 3 a 4 quilômetros de lado, por isso traçamos um quadro de aproximadamente 3 quilômetros de lado (figura 8) para representá-la, sendo que na localidade de “Portão Primeiro” está o Cemitério do Casqueiro, no topo de uma colina, com sepultamentos do século XIX visíveis e alguns com apenas as lápides em pedra grés. Um vestígio de um lugar sacro que pode ter sido sítio de uma das primeiras capelas do território do atual Rio Grande do Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio retrata parte de uma pesquisa histórica e arqueológica em andamento. As investigações preliminares, as interpretações sobre os documentos e sobre a paisagem nos indicam onde poderemos realizar as pesquisas arqueológicas. A atual mancha urbana de Santo Antônio da Patrulha está sobre a vila do século XIX e ambas sobre a paragem do Registro no Caminho das Tropas do século XVIII, tornando remota a possibilidade de pesquisas em sítios arqueológicos urbanos preservados. Somada à sobreposição material das estruturas em meios urbanos, há uma exiguidade de fontes documentais que pode ser uma das causas do verificado esquecimento dos lugares originais de Santo Antônio da Patrulha. A própria ação do prefeito em 1968 em solicitar à Cúria Metropolitana uma pesquisa para conhecer a história destes lugares e instituições, deixa claro a existência de um esquecimento ou, no mínimo, de uma memória social fragmentada.

A historiografia que dissemos ser oficializada produziu equívocos de interpretação sobre as fontes, que são compreensíveis diante dos contextos que as pesquisas ocorreram. A maior parte dos pressupostos teóricos pelos quais nos norteamos atualmente foram concebidos ou difundidos no Brasil após o contexto das pesquisas de Neis (1975), Barroso (1979) e Jacobus (1997). Para além disso, podemos situar alguns desses postulados como crítica aos métodos vigentes no contexto dos nossos antecessores, como no verificado “paradigma documentário”, que em última instância, produz leituras que desconsideram o contexto em que os documentos foram produzidos.

A Capela construída na sesmaria de Inácio José de Mendonça serviu de sede para a Freguesia de Santo Antônio da Guarda Velha até a transferência para a “Villã da Patrulha” entre o final do século XVIII e início do século XIX. As representações cartográficas apresentadas, de diferentes momentos, retratam esse movimento. Retratam, corroboradas pela carta de Sesmaria de 1755, a localização da sesmaria e da própria capela.

O caminho das tropas, que ligava Colônia do Sacramento a Sorocaba no século XVIII, também conhecido como “Caminho de Viamão”, passava pela Guarda e Registro de Viamão, que fiscalizava a entrada e saída dos “Campos de Viamão” para os “Campos de Cima da Serra” e para o “Caminho da Praia”. Santo Antônio da Patrulha se formou em decorrência das linhas vitais dos agentes históricos, vetorizadas pelos caminhos, que se entrelaçaram como um “nó” nas antigas paragens. Tanto colonos luso-açorianos, grupos indígenas colonizados e pessoas afro-brasileiras escravizadas e/ou libertas escreveram suas passagens sobre a paisagem. Os caminhos dos séculos XVII e XVIII, conformados em estradas no século XIX e em rodovias

no século XX, foram e continuam sendo vetores da ação social. Estes caminhos conduziram os caminhantes aos lugares, aos espaços habitados, cuja história se desenvolve, inexoravelmente, até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Phillipe. **História da morte no Ocidente**: da idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. Tradução Priscila Viana de Siqueira.
- BARROS, José D'assunção. História, região e espacialidade. **Revista de História Regional**, [s.i.], p. 95-129, dez. 2005. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2211/1691>. Acesso em: 20 jun. 2019.
- BARROS, M. L. F. M. **Tapera da Figueira**: Um estudo de caso sobre o processo ocupacional na aldeia velha no século XIX - Santo Antônio da Patrulha. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996.
- BARROSO, Vera. L. M. **Santo Antônio da Patrulha: vínculo, expansão, isolamento (1803–1889)**. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1979.
- BARROSO, V. L. M. A formação da primeira rede de vilas no Rio Grande de São Pedro. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 6, n. 2, p. 149-167, 31 dic. 1980.
- BARROSO, V. L. M. O Rio Grande de São Pedro sob o olhar de um português: Domingos José Marques Fernandes (1804). **Estudos Ibero-Americanos**, 31 dez. 2012.
- BOSCHI, Caio C. **Exercícios da pesquisa histórica**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2011.
- CRIADO BOADO, F. Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje. **CAPA**, 6, 1999.
- DIAS, Adriana Schmidt. Um projeto para a Arqueologia brasileira: breve histórico da implantação do PRONAPA. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul: UNISC, v. 19, n. 22, p. 25-39, 1995.
- FORTES, João Borges. **Rio Grande de São Pedro**: povoamento e conquista. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1940
- GIL, Tiago Luís. **Coisas do caminho**: Tropeiros e seu negócios do Viamão à Sorocaba (1780-1810). 2009. 372 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Ifcs, Ufrj, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://pct.capes.gov.br/teses/2009/31001017023P8/TES.PDF>. Acesso em: 20 jun. 2019.

- DOMINGUES, Moacyr. A Guarda de Viamão. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel; LAUCK, Fernando Rocha (org.). **Raízes de Santo Antônio da Patrulha**: 30 anos. Porto Alegre: Evangraf, 2019. p. 257-264.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos Emblemas e Sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: Verdadeiro, falso e fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HERBERTS, Ana Lucia. **Arqueologia do Caminho das Tropas**: estudo das estruturas viárias remanescentes entre os rios pelotas e canoas, sc. 2009. 487 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2009.
- INGOLD, Tim. **Estar vivo**: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, Rj: Vozes, 2015.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2014.
- KULA, Witold. **Las medidas y los hombres**. 3ª ed. México: Siglo XXI ed. 1998.
- KÜHN, Fábio. **Gente da Fronteira**: família, sociedade e poder no sul da América portuguesa - século XVIII. 2006. 444 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ, 2006. Disponível em: http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2006_KUHN_Fabio-S.pdf. Acesso em: 20 jun. 2019.
- JACOBUS, André L. **Resgate Arqueológico e histórico do Registro de Viamão (Guarda Velha, Santo Antônio da Patrulha – RS)**. Dissertação (mestrado) História Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997
- JACOBUS, André L. O Registro de Viamão: um pedágio do século VIII na América Portuguesa. **Revista do CEPA**, v.22, n. 27/28, p. 63-76, 1998.
- JACOBUS, André L. O Projeto Arqueológico de Santo Antônio da Patrulha (PASAP). In: **Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá**. BEMFICA, Corarilina R. et. all. Porto Alegre: EST, 2000.
- JACOBUS, André Luiz. O território patrulhense e o de Caraá: suas pré-histórias de suas histórias iniciais. **Raízes de Santo Antônio da Patrulha: mulheres patrulhenses fazendo história II**. Porto Alegre: EST, 2012, p. 492-501.

- LIMA, Tânia Andrade de. De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 87-150, 1994. DOI: 10.1590/S0101-47141994000100010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5297>. Acesso em: 22 jun. 2022.
- LIMA, Tânia Andrade de. Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.-abr. 2011.
- MACIEL JUNIOR, José. **Reminiscências da minha terra: Santo Antônio da Patrulha**. Porto Alegre: EST, 1987.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MEIRELLES, Pedro von Mengden. **Geografia social da morte: uma análise espacial do cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (1850)**. 2010. 79 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- NEIS, Ruben. **Guarda Velha de Viamão: No Rio Grande miscigenado surge Santo Antônio da Patrulha**. Porto Alegre: Est/sulina, 1975.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aum Houry. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo, SP, - Brasil 1993, disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>
- PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. **Esboços: revista do programa de pós-graduação da UFSC**, v.11, nº 11, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/334>. Acesso em: 20 out. 2020.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. **Dicionário da língua brasileira**. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. 1130 f. Páginas não numeradas. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5414>. Acesso em: 23 set. 2022.
- RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997. 276 p. (Coleção Biblioteca carioca; v. 43. Série publicação científica)

- RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica. Tradução de Asta-Rose Alcaide. Brasília: UnB, 2007.
- SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- SAHLINS, Marshall. **Como pensam os nativos**. São Paulo: Edusp, 2001.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Edusp, 2008.
- SOARES, A. **Filhos de Ñanderu caminham para Karai**: uma perspectiva sobre o protagonismo guarani no sul da América lusitana do século XVIII. Jundiaí, SP: Paco, 2020.
- SOARES, A. Arqueologia da paisagem e percepção: o caso do registro de via-mão. **Tessituras**: Revista de Antropologia e Arqueologia, Pelotas, v. 10, n. 1, p. 385-416, jul. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/21981>. Acesso em: 27 ago. 2022.
- SOUSA, Ana Cristina de. Arqueologia da Paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais. **Habitus**, Goiania, v. 3, n. 2, p. 291-300, jul.-dez. 2005.
- SILVA, Sherol da. **Apesar do cativo**: família escrava em Santo Antônio da Patrulha (1773-1824). Dissertação (mestrado). São Leopoldo: Unisinos – Programa de pós-graduação em História, 2009.
- TEIXEIRA DA SILVA, Francisco C. História das paisagens. IN: CARDOSO, Ciro F., VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.) **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. 5ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. **Vestígios - Revista Latino-americana de Arqueologia Histórica**, [s.l.], v. 8, n. 1, p.24-62, 30 jun. 2014. Revista Latino-Americana De Arqueologia Historica. <http://dx.doi.org/10.31239/vtg.v8i1.10599>.

Fontes Utilizadas

Impressas

- MARSUL, Documentação anexa do sítio RS-S-263: Guarda Velha 2 do **Acervo Documental dos Sítios Arqueológicos do Museu Arqueológico do RS** – Marsul.
- MACIEL JUNIOR, José. **Reminiscências da minha terra: Santo Antônio da Patrulha**. Porto Alegre: EST, 1987.
- JACOBUS, André. **Projeto Arqueológico de Santo Antônio da Patrulha (Pa-**

sap): relatório técnico parcial ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Taquara: MARSUL, 1999.

SÁ e FARIA, José Custódio de. **Exemplo Geograph'co do Terreno que corre desde a V^a. Do R^o. Grande de S. Pedro, thé o destrito de Viamão.** 1763. Mapoteca do Itamaraty – Rio de Janeiro.

Digitais

Revista do Archivo Publico Mineiro, Ano XXIV, Vol. 1, 1933. **Demarcação do Sul do Brasil.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=679> Acessado em: 01 out. 2022.

CORDOVA, Antonio Ignacio Rodriguez. **Planta do continente do Rio Grande:** divididos em quatro provincias a saber... 1931. 1 mapa, 52,0 x 30,1cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart209311/cart209311.jpg. Acesso em: 3 ago. 2022.

SOARES, Diogo. **A Villa da Laguna e Barra do Taramana na costa do Brasil e America Portugueza** a 1^a aos 28,29'31" aos 2951-57.17 de latitude austral. 1 mapa, 31,8 x 18,4. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart209403/cart209403.jpg. Acesso em: 3 ago. 2022.

VILLIERS DE L'ILE-ADAM, J. de. **Carta topographica e administrativa da provincia de São Pedro do Sul:** Erigida pela combinação das (...) muito diversamente apresentadas pelos mapas ate agora publicados e augmentado dos novos municipios e freguezias creados na assemblea provincial em 1846 e outros documentos officiaes pelo Vcde. J. de Villiers de L'le Adam. Rio de Janeiro, RJ: Firmin Didot Frères, 1847. 1 mapa, col. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart67925/cart67925_12.jpg. Acesso em: 1 out. 2022.

NIEMEYER, Conrado Jacob de. **Carta corographica do Império do Brazil.** Rio de Janeiro, RJ: Heaton & Rensburg, 1846. 1 mapa, col, 150 x 150. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart170429/cart170429.jpg. Acesso em: 1 out. 2022.

Submetido em 02/10/2022

Aceito em 01/07/2023